



E&N

ECONOMIA & NEGÓCIOS

Visto de ouro

Chineses investem em Portugal e entram na Europa
Pág. B7

Receita para crescimento

Investimento privado é a saída, diz José Roberto
Pág. B6



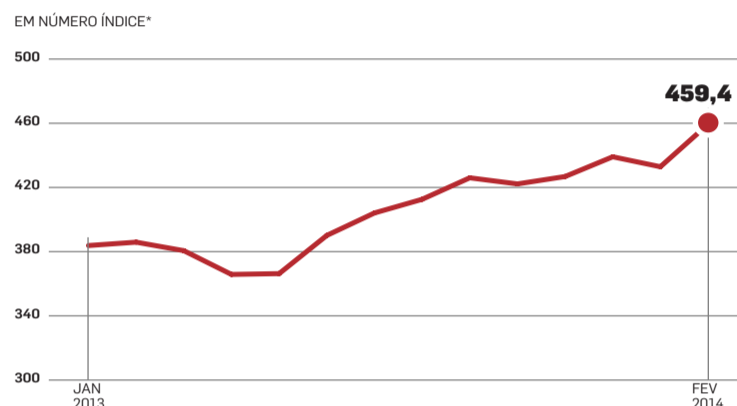
RAFAEL ARBEX/ESTADÃO

Fora do padrão. Forte seca na região Centro-Sul e excesso de chuvas no Centro-Oeste afetaram as culturas de soja, milho, café, cana e laranja, além da pecuária de corte e de leite, provocam perdas para os produtores rurais e já pressionam a inflação

Prejuízos do agronegócio com a seca e as chuvas já somam R\$ 10 bilhões

REPIQUE

● Evolução do índice de preços dos alimentos no atacado na última semana de cada mês



*Inclui soja, café, algodão, carnes, açúcar, arroz, feijão, milho, tomate, batata, trigo, leite, ovos, laranja, até a terceira semana de fevereiro de 2014

FONTE: DADOS DA BCSP, IEA, SEAB-PR, CEPEA E CEAGESP. ELABORADOS PELA GO ASSOCIADOS INFOGRÁFICO/ESTADÃO

Alexa Salomão
Márcia De Chiara

A forte seca que castiga o Centro-Sul e o excesso de chuvas no Centro-Oeste do País já tiraram cerca de R\$ 10 bilhões de receita do agronegócio em 2014, segundo cálculos feitos por analistas. Soja, milho, café, cana, laranja, pecuária de corte e de leite registram queda na produtividade e alta nos preços – o que pode ter impacto na inflação.

A soja, que está em plena época de colheita, resume a grande confusão que o clima provocou no campo. No Centro-Sul, a lavoura penou com o sol escaldante, a falta de chuva e as altas temperaturas. Em Mato Grosso, o maior Estado produtor, é o excesso de chuvas que impede a colheita, afeta a qualidade do grão e agrava os problemas logísticos. O preço da soja voltou no mês passado ao patamar de US\$ 14 por bushel na Bolsa de Chicago, revertendo as expectativas de queda que existiam por causa da entrada da supersafra brasileira no mercado.

No Paraná, o segundo maior produtor, já se sabe que com a seca houve queda média de 13% na produtividade. Dos 16,5 milhões de toneladas previstas, pouco mais de 2 milhões já se perderam. Pelas estimativas da Secretaria Estadual de Agricultura, haverá redução de R\$ 2,2 bilhões na receita.

“Mais do que a estiagem em si, o grande problema foi o calor que prejudicou a formação das vagens”, diz Francisco Carlos Simioni, chefe do Departamento de Economia Rural.

Chuva. Em Mato Grosso, a soja está pronta para a colheita, mas o excesso de umidade deixa o grão encharcado e a semente apodrece no pé, diz o diretor executivo da Federação da Agricultura de Mato Grosso, Seneri Paludo. Nos últimos dez dias choveu no município de Sinop, por exemplo, 225,9 milímetros, praticamente o dobro da média histórica para o período, aponta um levantamento do Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea).

Para reduzir a umidade é necessário mais tempo no secador e com isso se gasta mais energia. “Tudo é custo de produção e isso impacta na remuneração do produtor”, diz Paludo. Diante desse quadro climático, ele diz que o produtor de soja de Mato Grosso não tem opção: ou perde a lavoura no campo ou

tem um custo maior.

A estimativa inicial era de que Mato Grosso iria colher neste ano 26,9 milhões de toneladas, uma safra recorde. O levantamento do Imea mostra que, até a terceira semana de fevereiro, cerca de 500 mil hectares deixaram de ser colhidos no tempo ideal, o que pode representar perda de meio milhão de toneladas na produção e prejuízos diretos de R\$ 400 milhões. “A preocupação maior é com as áreas atingidas pela seca do que pelas chuvas”, diz o secretário executivo da Associação Brasileira da Indústria de Óleos Vegetais (Abiove), Fábio Trigueirinho.

Dados do *Boletim Oil World*, publicação que é referência no setor, indicam quebra de 4,5 milhões de toneladas na safra brasileira de soja. Isso significa menos R\$ 5,4 bilhões de receita.

A dobradinha “chuva no Centro-Oeste e calor no Centro-Sul” também afeta a produção de milho. Uma parte da colheita de milho no verão foi afetada. A perda não é homogênea e varia de região para região. No Paraná, o maior produtor de milho, cerca de um terço da colheita já foi concluída e a estimativa é que as perdas não sejam expressivas. Em Minas Gerais, cerca de 21% da produção está comprometida. A consultoria Safras & Mercado estima que ao todo 12 milhões de toneladas de milho vão se perder, o que subtrairia cerca de R\$ 400 milhões da receita do agronegócio.

Mas o desarranjo climático ainda pode comprometer o plantio da chamada safrinha – safra de milho cultivada no inverno que, apesar do nome, corresponde à maior parcela do que o Brasil produz de milho anualmente – cerca de 60% do total colhido.

No Paraná e em São Paulo, a semente encontra um solo com baixa umidade. Se não chover, a planta não vai se desenvolver adequadamente. No Centro-Oeste, o excesso de chuva, quando alguns produtores ainda colhem soja, tende a atrapalhar a entrada das máquinas para o plantio do milho. “Esta semana será decisiva para o plantio da safrinha”, diz Paulo Molinari, analista da Safras & Mercado.



NA WEB
PIB. Seca afeta previsão para a economia

estadão.com.br/e/seca

Efeitos

IS SAYURI/ESTADÃO



Calor. Nos piores dias, temperatura superou 50° no solo, diz Luis Otávio

NO PARANÁ, PERDAS NA SOJA CHEGAM A 80%

Por causa das altas temperaturas, alguns grãos cozinham antes que pudessem ser colhidos

Fábio Cavazzotti
ESPECIAL PARA O ESTADO

Tradicional região produtora de soja na safra de verão, o norte do Paraná amargou perdas que variam de 35% a 80% por causa da estiagem de 45 dias, acompanhada de altíssimas temperaturas. Uma das áreas mais atingidas foi o chamado norte pioneiro, na divisa com São Paulo. Muitas lavouras literalmente queimaram com o calor. Nem a chuva que veio depois conseguiu salvar as plantações. Os caules das plantas já haviam secado, impedindo que a umidade irrigasse os grãos, que também secaram dentro das vagens antes da colheita.

Na Fazenda Boa Esperança, propriedade com 150 alqueires, localizada no limite entre os municípios de Santa Mariana e Cornélio Procópio,

as perdas são enormes. Nas áreas já colhidas, o resultado gira em torno de 20 sacas (de 60 kg) por alqueire, resultado catastrófico em comparação com as 120 sacas por alqueire do ano passado. Nessa região já se chegou a colher 160 sacas por alqueire.

Verão quente

50

graus Celsius foi a temperatura registrada na terra nas áreas de produção de soja nos municípios de Santa Mariana e Cornélio Procópio no Paraná

50%

é a perda estimada na produção de soja deste ano na região do norte pioneiro do Paraná, segundo o Departamento de Economia Rural

“Foi quase tudo queimado pelo calor. Nos piores dias, a temperatura passou dos 50° C na terra. A planta cozinhou no pé”, explica o agrônomo Luis Otávio Bernardelli Gonçalves.

Frustração. O resultado fica ainda pior quando se compara com a expectativa de produtividade até o início do ano. “A gente achou que ia colher muito porque a soja estava linda. Mas, com o calor, a terra chegou a trincar e os grãos ficaram todos enrugados”, conta Gonçalves.

Segundo o agricultor Leandro Scarlon, há grande preocupação com a qualidade da soja colhida. Numa mesma área, encontram-se grãos secos, verdes e alguns maduros. “Isso não passa no porto”, diz ele.

O presidente do Sindicato dos Produtores Rurais de Cornélio Procópio, Floriano José Leite Ribeiro, explicou que as perdas apresentaram grandes variações de acordo com o período de plantio e as variedades de sementes. “É um mosaico. Alguns tiveram mais sorte, outros foram duramente atingidos.”

O Departamento de Economia Rural (Deral) da Secretaria Estadual de Agricultura estima que o total de perdas no norte pioneiro do Paraná chega aos 50%.

Safras de 2015 de café e cana serão afetadas

O estrago que a seca do Centro-Sul provoca em lavouras permanentes, como cana e café, deve ir além desta safra. No caso do café, a falta de chuvas derruba as folhas que vão gerar os frutos da safra de 2015. Na cana, as mudas perdem qualidade por causa do calor excessivo.

Nas projeções da consultoria Safras & Mercado, as perdas no setor sucroalcooleiro podem chegar a R\$ 2 bilhões neste ano. Na Bolsa de Nova York, o contrato do açúcar já subiu quase 19% desde janeiro, mas boa parte dos produtores não consegue aproveitar essa valorização porque eles já venderam a maior parte da produção.

Ainda que o aumento no preço internacional possa compensar parte das perdas na produção e na exportação ao longo do ano, é certo que os efeitos negativos do clima sobre a cultura vão se prolongar e podem extrapolar o campo. A falta de água afeta principalmente a concentração de açúcar na planta e, por tabela, a produção de dois de seus subprodutos industriais – o açúcar e o etanol. Como o etanol é misturado à gasolina, se a oferta do combustível verde cair, a tendência é que haja aumento da demanda do derivado de petróleo. “É bem possível que o Brasil tenha de importar mais gasolina no segundo semestre”, prevê Plínio Nastari, diretor da consultoria Datagro.

No café, a falta de chuvas nas áreas produtoras do sul de Minas Gerais e na região Mogiana Paulista deve levar à perda de rendimento e à má formação do fruto. “Os efeitos da seca são variados. Em algumas regiões, a perda é de 15%, no cerrado mineiro oscila entre 20% e 25%”, afirma o diretor executivo da Associação Brasileira da Indústria do Café, Nathan Herszkowicz. Ele calcula que as perdas devem atingir entre 5 milhões e 6 milhões de sacas da safra, inicialmente estimada entre 46,5 milhões e 51 milhões de sacas. Com isso, pode ocorrer queda de R\$ 2,280 bilhões na receita. Já Silas Brasileiro, presidente do Conselho Nacional do Café, acha que o maior estrago deve ocorrer em 2015: redução de 7 milhões a 8 milhões de sacas.

Incôgnita. A maior incôgnita no momento é o tamanho da perda no setor de laranja. A seca pegou a fruta bem na fase de desenvolvimento e a tendência é que haja uma redução na quantidade de água na fruta e, por conseguinte, no seu tamanho. Para o produtor, é o pior dos mundos. As vendas da fruta para a indústria são avaliadas por número de caixas e, nesse caso, será necessário colocar um número maior de laranjas para completar a caixa.

Para a indústria, porém, um volume menor de água pode representar uma quantidade maior de suco. Segundo Ibiapaba Netto, diretor executivo da Associação Nacional dos Exportadores de Sucos Cítricos (CitrusBR), o cenário fica mais claro entre março e abril./A.S. e M.C.

Chuva apressa colheita e encarece frete

Com medo de que volte a chover e qualidade da soja seja prejudicada, produtores de MT correm às lavouras e preço do transporte bate recorde

Fernando Scheller

O movimento de caminhões é constante na fazenda Hervalense, na região de Diamantino, a cerca de 230 km de Cuiabá. O vaivém, que se estende por todo Mato Grosso, líder em produção de soja no País, tem razão de ser. A ordem é aproveitar qualquer período de estiagem para apressar a colheita e mandar a carga ao Porto de Santos antes que volte a chover forte na região.

Segundo a proprietária da fazenda Hervalense, Maria Inês Cristofoli, a pressa tem o objetivo de evitar que a soja pronta para ser colhida tenha a qualidade prejudicada e precise ficar

tempo demais nos já abarrotados secadores dos armazéns antes de seguir para o porto.

Com a pressão do clima, a procura por transporte aumentou tanto que o preço do frete para Santos bateu recorde na semana passada, ainda antes do tradicional período de "pico" da colheita no Estado, que geralmente ocorre em março.

Segundo consultores agropecuários que atuam em Mato Grosso, o transporte entre o polo produtor de Sorriso e o Porto de Santos chegou a R\$ 330 por tonelada na última semana, R\$ 10 acima do recorde de março de 2013.

Entre os produtores, não há alternativa senão ter pressa pa-

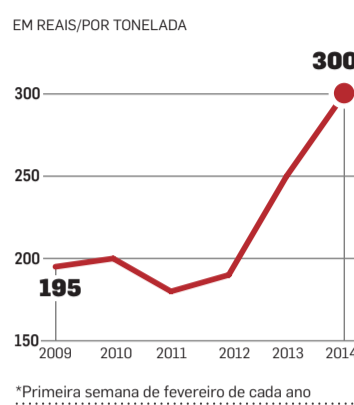
ra evitar prejuízos. Maria Inês está entre os que correm contra o tempo. Como 50% de sua safra não foi vendida por meio de traders – grandes empresas que negociam grãos –, ela está tendo de arcar com o gasto mais alto de transporte.

Na avaliação da proprietária rural, diante da escassez de caminhões na região, é possível que os preços continuem a subir nas próximas semanas. "O tempo não está colaborando", diz Maria Inês, referindo-se ao fato de que a previsão do tempo diz que pode voltar a chover em Mato Grosso nesta semana.

Umidade. Segundo o consultor do escritório de Cuiabá da

MAIS CARO

● Preço do transporte de grãos de Sorriso (MT) para o Porto de Santos nunca foi tão alto*



IntlFCStone, Geovano Ceratti, a soja está saindo das lavouras com umidade muito elevada, entre 20% e 25%. Para o grão seguir para o porto, é necessário reduzir esse índice para 14%, no máximo. Como está todo mundo colhendo ao mesmo tempo, filas estão se formando nos secadores.

Com os caminhões parados à espera do secador, a falta de veículos para transporte dos grãos até os portos se agrava ainda mais. Caso volte a chover forte e a soja fique ainda mais úmida na lavoura, o tempo de secagem terá de aumentar. O ideal, segundo o consultor da IntlFCStone, é que os produtores reiniciem a colheita a depois de dois

ou três dias de estiagem. No entanto, após um início de semana de tempo firme, voltou a chover em regiões do Estado entre quinta e sexta-feira.

Outra razão para os produtores optarem pela venda da soja agora é o preço do produto no mercado internacional. A redução dos estoques americanos, fruto das fortes compras chinesas nos últimos dias, aumentou o preço da commodity para os próximos meses.

É por isso que os contratos que vencem após a colheita da próxima safra americana, no fim do ano, são negociados a preços 25% inferiores aos mais imediatos, que estão em US\$ 14 por bushel na Bolsa de Chicago.

BB aponta quebra de 15% na soja e no milho

Para especialistas, perdas na safra podem afetar as contas externas, com a redução das exportações

Mauro Zanatta / BRASÍLIA

As planilhas do Banco do Brasil apontam uma quebra média de 15% nas lavouras de soja e milho do Centro-Sul em razão da intensa estiagem de janeiro e fevereiro. O levantamento preliminar inédito, obtido pelo Estado, deve ter mais implicações macroeconômicas do que reflexos no bolso dos produtores, protegidos por seguros rurais e preços em alta. Mas a marca histórica de 200 milhões de toneladas de grãos, puxada por soja e milho, já foi adiada pelo governo.

As perdas com a seca, embora localizadas, devem pressionar a inflação, via choque de oferta pontual, e afetar as contas externas com eventual redução das exportações, já que os volumes serão menores, apontam especialistas. Soja e milho são base para rações animais e uma quebra severa influencia as cotações das carnes, do leite e derivados. Ambos são 85% de toda a produção de grãos e faturaram US\$ 29 bilhões no exterior em 2013 – 30% do total das vendas externas do agronegócio.

"Há um agravamento progressivo. Vai ter impacto na balança comercial e, talvez, na inflação", diz Ivan Wedekin, diretor-geral da Bolsa Brasileira de Mercadorias (BBM), controlada pela BM&FBovespa. Além disso, inquietações econômi-

Seguro rural atenua perdas

● A quebra da atual safra poderia ter sido devastadora às finanças rurais sem a ampla adesão dos produtores às três principais modalidades de seguro rural. Os seguros oficial (Proagro), agrícola e de faturamento têm atenuado a perda de renda no campo. No Banco do Brasil, a cobertura média do seguro chegou a 65% de todas as 320 mil operações de financiamento de custeio das lavouras. No grupo BB Mapfre, que tem 50 mil apólices no total de R\$ 10 bilhões segurados em todas as culturas, cerca de 4,4 mil contratos garantiram soja e milho. O Proagro, administrado pelo Banco Central, cobriu R\$ 8,8 bilhões em 391,2 mil contratos na atual safra. / M.Z.

cas no campo servem a bandeiras políticas de ruralistas no Congresso, incluindo pedidos de renegociação de dívidas. Ainda mais em ano eleitoral.

Margem. Em plena época de colheita, as perdas em soja e milho variaram de 5% a 35%, diz o BB. Mas a margem operacional dos produtores, que calcula a relação entre custo e receita da safra, segue positiva pelo sétimo ano seguido – de 40% a 60% na soja e 20% a 40% no milho, calcula o banco, principal operador do crédito rural no País.

Na média, a rentabilidade está estimada em 54% na soja e 33% no milho. "Parte disso é fru-

to do seguro rural, que já cobre 65% das nossas operações", diz o vice-presidente de Agronegócios do BB, Osmar Dias.

Os prejuízos já são palpáveis. O grupo segurador BB Mapfre, que detém 70% do mercado, estima que pagará R\$ 275 milhões em indenizações a 4,4 mil produtores de 13 Estados. O Banco Central, administrador do seguro oficial (Proagro), calculava, até a semana passada, sinistros de R\$ 177 milhões em 12,6 mil contratos. "A seca está mais grave do que se pensava", resume o diretor-geral de seguros rurais da BB Mapfre, Luís Carlos Guedes Pinto, ex-ministro da Agricultura.

Mesmo com problemas localizados em algumas microrregiões, houve quebra significativa da soja em São Paulo (35%), Mato Grosso do Sul (17,5%), Paraná (16%) e Minas (15%). Nas lavouras de milho, as quebras foram de 34% em São Paulo, 22% em Minas e 16% em Santa Catarina, apontam os dados da rede de agrônomos que abastece as planilhas do BB. "O veranico, comum em janeiro, começou em dezembro e foi até fevereiro. O cenário é ruim para plantio. Teremos mais risco para a safrinha", diz Wedekin.

Nos Estados, os cálculos do BB são realistas. "Esse estrago provocou um aumento de 10% no preço do milho e da soja, com impacto no custo de aves e suínos. E ainda não sabemos como absorver isso", diz o diretor da Aurora Alimentos, Dilvo Casagrande. A cooperativa catarinense, que atua em 450 municípios na Região Sul, faturou R\$ 5,8 bilhões no ano passado.



Estrago. Preço da laranja no atacado teve aumento de 43% na terceira semana de fevereiro

Clima já pressiona os preços de alimentos

Para especialista, por causa da alta nos custos, inflação pode atingir o teto da meta já no segundo trimestre

Os efeitos do desarranjo no clima começaram a chegar aos preços dos alimentos no atacado e devem bater no consumidor neste mês. Até a terceira semana de fevereiro, os preços agropecuários no atacado acumulam alta de 2% em relação a janeiro e de 5,3% em comparação a igual período de 2013, aponta o índice da consultoria GO, que acompanha as cotações de 15 produtos.

Só na terceira semana de fevereiro, laranja subiu 43% no atacado; tomate 24%; batata 28,3%; feijão 19,9%, milho 8,1% e açúcar 0,8%. "Temos uma pressão altista na inflação que deve se somar às demais", diz o diretor da consultoria, Fabio Silveira. Por causa da alta dos alimentos, ele considera a possibilidade de que a inflação oficial acumulada em 12 meses atinja o teto da meta de 6,5% já no segundo trimestre. A perspectiva anterior era que isso ocorresse só em meados do ano.

Ponto. Logo no começo do ano, a falta de chuvas ajudou a inflação de alimentos porque jogou contra a disparada dos pre-

ços de verduras, legumes e frutas que geralmente ocorrem nesse período por causa do excesso de chuvas. "Mas agora a seca passou do ponto, começa a ter impacto no atacado e deve ter reflexo na inflação ao consumidor em março", prevê o economista da LCA, Fabio Romão.

Para fevereiro, ele projeta alta de 0,41% para o grupo alimentação e bebidas e de 0,73% para março. O avanço se deve especialmente aos efeitos do clima. A soja teve deflação no atacado em fevereiro, mas vai subir.

Nas próximas semanas, o consumidor vai sentir o impacto da estiagem no cafezinho. A cotação do grão em dólar subiu mais de 50% desde o começo do ano. Nas contas do diretor da Associação Brasileira da Indústria do Café, Nathan Herszkowicz, a indústria terá de aumentar entre 17% e 20% os preços do café no varejo. / M.C. e A.S.

ENTREVISTA

Paulo Etchichury, diretor da Somar, empresa de análise do clima

'Os verões no Centro-Sul serão menos chuvosos'

A estiagem foi um evento extremo dentro de um novo ciclo no Pacífico que tende a se estender pelos próximos 25 anos

Já faz algum tempo que Paulo Etchichury, diretor da Somar, empresa de análise do clima, relata em artigos e conversas com clientes que o padrão do clima mudou. "Os verões tendem a ser menos chuvosos e os invernos mais rigorosos", diz Etchichury. Na entrevista que segue ele explica porque a alteração não tem relação com as mudanças climáticas, mas faz parte de ciclos naturais de altas e de baixas na temperatura do Oceano Pacífico.

● Os verões têm sido cada vez menos chuvosos. O calor que vimos neste início de ano é um fenômeno eventual ou pode se

Nessa condição, os verões são menos chuvosos e os invernos mais frios no Brasil. A gente ouve os mais velhos dizerem que o clima era diferente quando eram jovens – e era mesmo.

● Não há, então, relação com as mudanças climáticas? A Oscilação Decadal do Pacífico é um ciclo natural, que não tem nenhuma relação com o fenômeno conhecido como mudanças climáticas.

● Então teremos de nos preparar para uma nova realidade pelos próximos 25 anos? Sim. O mais importante é abandonar o paradigma de que, se tivermos uma seca, a estação chuvosa vai repor os reservatórios de água, os lençóis freáticos e a umidade do solo. Não temos mais essa garantia e precisamos nos preparar para isso. / A.S. e M.C.

repetir?

Já tem uns três anos que chove nos verões, como todos esperam, mas chove menos. Por isso, não temos uma recomposição dos lençóis freáticos e de reservatórios de água. Também estamos tendo invernos mais frios. Teve geadas no Paraná. Teve neve em Curitiba, o que não acontecia desde a década de 70.

● O que provoca isso?

Estamos no que se chama de Oscilação Decadal do Pacífico – decadal porque envolve décadas, em ciclos de aproximadamente 30 anos. De 1975 a 2005, o Pacífico esteve mais tempo quente do que frio. Isso provocou mais chuva no Centro-Sul do Brasil e invernos mais amenos. Agora há um consenso na comunidade científica de que voltamos ao padrão registrado entre 1945 e 1975, quando o Pacífico ficou mais tempo frio.



Preparando os jovens para o futuro. Mais de 13 milhões de estudantes beneficiados em 50 anos.

Ao completar 50 anos de atividades, o CIEE concede oportunidades de capacitação, em todo o Brasil, com a concessão de bolsa-auxílio e salário, aos milhares de estagiários e aprendizes, especialmente jovens de condição social menos favorecida. É o CIEE colaborando com as ações sociais e filantrópicas do governo.

Sede CIEE: Rua Tabapuã, 540 • Itaim Bibi • São Paulo/SP
CEP 04533-001 • Tel.: (11) 3046-8211

www.ciee.org.br | f/oficial.ciee

Estagiários e Aprendizes